

NOS PORÕES DO CENTRO HISTÓRICO DE PELOTAS

MIRIAM BROCKMANN GUIMARÃES; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS

Universidade Federal de Pelotas – brockmannmiriam48@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – thiago.amorim@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu no processo de pesquisa sobre a poética de imagens no contra luz e na sombra referente a fotografia *noir*¹ e a escolha de caminhar pelos casarões do Centro Histórico de Pelotas. O processo de estudo iniciou no mestrado no Programa de Pós graduação em Artes Visuais em exposição na cadeira de Poéticas Populares na Contemporaneidade com a Curadoria e organização Prof. Dr. Thiago Silva de Amorim Jesus ², cuja culminância se deu com a Exposição denominada “Somos o que fomos”, tema referente ao desenvolvimento e a valorização da cultura local. O material trazido a partir de pesquisa de campo foi obtido a partir de imagens compostas no espaço do Museu do Doce de Pelotas registradas pelo fotógrafo Alfonso Montone³, encenado peça artista Miriam Brockmann Guimarães⁴. O ambiente poético-crítico criado, expressa o contraste de sensações que remetem aos tempos de luta, resistência e trabalho forçado que escravizou o povo negro que serviu como mão de obra barata para construir os casarões do Centro Histórico. Para tanto, as imagens criadas para esta pesquisa foram escolhidas no viés da sombra e da denúncia, apoiados em lembranças enraizadas do passado escravocrata e que hoje pertencem ao montante de prédios e acervos que são Patrimônio Cultural da Cidade de Pelotas.

2. METODOLOGIA

¹ O ‘*noir*’ nos chama preliminarmente a atenção por figurar como manifestação engenhosa das relações entre cinema e literatura. Desde sua origem, nele se mostra flagrante uma desconcertante relação de reciprocidade, um trânsito mútuo, um franco diálogo entre a manifestação literária e a cinematográfica (BULHÕES, 2009).

² Doutor em Ciências da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina. Professor Associado da Universidade Federal de Pelotas-UFPEL/RS, atuando como docente do Curso de Dança - Licenciatura do Centro de Artes e no Programa de Pós-Graduação em História/ICH. Professor Pesquisador do Núcleo de Folclore e Culturas Populares da UFPEL – NUFOLK e Coordenador do Projeto Poéticas Populares na Contemporaneidade.

³ Alfonso Jorge Grigolletti Montone, em sua história perante a fotografia conta que é nascido em Pelotas, a 22 de setembro de 1959, família de origem italiana, começou sua atividade relacionada às imagens quando ainda era garoto, como ele mesmo conta, com cerca de 12 anos de idade, acompanhando sua família em viagem à Itália, seus pais compraram uma pequena câmera fotográfica Kodak Rio 400 e também uma filmadora Stein para filmagens em Super-8mm.

⁴ Possui graduação em Dança pela Universidade Federal de Pelotas (2017). Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas (2020) Professora de dança no município de Florianópolis (2023).

O processo artístico e metodológico Caminhos corpográficos⁵ no porão do Museu do Doce de Pelotas tem como referência a noção de corpografia urbana, de Paola Jaques (2008).

Em um percurso criativo compartilhado com o fotógrafo, surgiram ideias de composição de imagens em Preto e Branco que se cruzam com as recordações e enlaçam afetos que trazem à tona a pesquisa da autora sobre análise de espetáculo do Centro Contemporâneo Berê Fuhro Souto⁶. Tal atmosfera recupera uma dimensão da artista que apresentava suas obras ao entorno destes casarões com temas polêmicos e aspectos ligados às memórias vividas pelos seus intérpretes-criadores em montagens coreográficas de dança contemporânea.

Com olhar testemunho da atmosfera energética ali envolvida, como co-criadores de um imaginário poético, inseridos a refletir sobre essas memórias, estes rastros provocados para esta disciplina e que seguem para caminhos diversos de pesquisa sobre a criação em artes. Para Salles (2004), o ato criador aparece, desse modo, como um processo inferencial, na medida em que toda a ação, que dá forma ao sistema ou aos “mundos” novos, ao se pensar a rede como um todo, todo movimento está atado a outros e cada um ganha significado quando nexos são estabelecidos.

A partir destas considerações, surgiram reflexões inúmeras na visita aos porões, absortos com a relação de constrangimento a que eram impostos estes sujeitos escravizados. Nesse ínterim, surgiram imagens escuras em contra-luz, atravessadas com as lembranças do passado em que viviam a construir de forma braçal aqueles imensos prédios como empregados de famílias abastadas. Possivelmente, estas pessoas escravizadas ali, naquela escuridão dos porões, tinham como visão as calçadas, pelas grades destes ambientes inóspitos que poderiam visualizar do outro lado da rua a Praça Coronel Pedro Osório com a esquina da Rua Barão de Butuí, nas quais são nomes de ruas que homenageiam barões e coronéis na cidade de Pelotas RS.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante destes mapas de semelhanças nas relações de referenciais visuais, a primeira delas é a imagem fotográfica em contrastes de luz e sombra que flamam para uma atmosfera *noir*, e a segunda é a participação da autora como espectadora/participante que rememora a escravidão imbuída na pesquisa do trabalho da diretora Berê que referenciava os prédios históricos pelo viés da denúncia poética.

Referenciais aparecem constantemente e se cruzam com o trabalho e o refletir/apreender pela prática do ver-e-sentir, o percurso de interesse pelo tema visual, afinal vivemos cercados de fotografias e imagens. Esta condição chamou a atenção para a escolha da fotografia *noir* e Mascarello (2006) explica esses efeitos da contra-luz como uma atmosfera subversiva de sombras se iniciou na década de 1940.

⁵ A expressão da síntese da interação entre corpo e cidade, segundo Paola Jaques (2008) chama-se corpografia urbana. A corpografia é, segundo Paola, uma cartografia corporal (ou corpo-cartografia), onde a experiência do corpo pela paisagem urbana é inscrita, em diversas escalas de temporalidade, mesmo que involuntariamente. Os gestos e movimentos do corpo que compõem a experiência urbana, revelam suas corpografias, mesmo que esses não tenham sido cartografadas, mapeadas, representadas ou ilustradas.

<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/pixo/article/download/11666/7673>

⁶ <http://centro-bere.blogspot.com/>

É sabido que, quanto mais valorização, vibração das manifestações, crenças e expressões populares mais incentivos e mais oportunidades. As pessoas se mobilizam quando tratam do assunto fé e religiosidade. A fé consegue recuperar populações com auto-estima baixa e desanimadas por conta dos atropelos de sua própria história. O Interessante é que, nascemos envolvidos em um contexto cultural, é preciso unir e não separar as origens e tradições, levando um pouco da riqueza cultural da nossa região (LÓSSIO; PEREIRA, 2007 p. 2).

O ativismo de Berê atravessa as memórias da poética visual relacionada ao eixo temático que trafega em suas composições políticas de aspectos de arte contemporânea enquanto produto de uma alteração de estruturas. Sentimentos brotam incessantemente em cada um destes professores, artistas e pesquisadores que puderam ter contato com o trabalho da diretora Berenice Fuhro Souto que faleceu em 2017⁷ e deixou uma biografia na dança contemporânea sentida entre tantos sujeitos que lhes seguem os passos.

Sensibilizados pelo seu pensar coreográfico, estivemos a colher estes rizomas visuais, na disciplina de Póéticas Populares na Contemporaneidade, criando imagens. Estas ações fizeram com que acontecesse a vontade de compor/produzir imagens que logo surgiram como que se embricassem com esta poética crítica, caminhando dentro destes porões escuros e úmidos a divagar sobre a realidade ali duramente imposta.



Contra luz

Créditos: Alfonso Montone



Museu do Doce de Pelotas

Créditos: Alfonso Montone

Durante o processo de criação conjunta pelos porões do Museu surgiram reflexões sobre a história, memória, afetos e empatia, como um grito da alma. Ecoaram sensações que se transbordaram em imagens, e que, por vezes, endureciam os pensamentos. Afinal o que tem a ver a mistura de ideias se não o

⁷Diretora e coreógrafa do Centro Contemporâneo Berê Fuhro Souto, portando o título de Graduação na formação acadêmica em Educação Física (1984), Berê solidificou seu método de trabalho com a dança contemporânea, atividade que foi reconhecida pela UNESCO. Companhia de Dança “Estímulo Centro de Arte e Movimento”, usufruindo da participação obtendo diversas premiações em festivais nacionais e internacionais, tais como: o Festival Latino-americano de Danza – Danzamérica (Córdoba/Argentina), em 1997; o Prêmio Latino-américa de Dança (Santiago/Chile), em 2001; o Festival Interamericano de Dança (Buenos Aires/Argentina), em 2003; e o II Certame Interamericano de Danza (Montevideo/Uruguai), em 2003 (GUIMARÃES, 2020).

próprio ambiente ali incrustado? As paredes transcendem histórias que certamente estarão perpetuadas em nossas raízes e entranhas.

4. CONCLUSÕES

Pertencemos à arte, a dança, à cultura local... e somos o que realmente fomos pela ancestralidade a que pertencemos, nossos entrecruzamentos culturais e como somos inseridos, como nos sentimos, o que nos move a escrever e descrever, aliados em afetos e desaletos que devem ser respeitados por nós. Assim, neste movimento de pesquisa poética que aqui compartilhamos, somos imersos em imensos sentimentos que, em dias atuais, nos orientam a avaliar a relação com a nossa triste história escravocrata. Precisamos que nossa arte seja política e consciente, e atue de forma menos odiosa e mais madura e possuidora de posicionamento crítico.

Na arte, somos adeptos à verdade e à relativização das verdades contadas, fazendo com estes posicionamentos se convertam em ações, em práticas de arte e dança que fundamentam nossa visão de mundo, pois qual a função da arte se não for um misto contextualizado de práticas, teóricas, críticas e pedagógicas atitudes que agregam valores culturais de espectadores emancipados, como diz Rancière?

Somos o que fomos foi uma exposição instigante e reveladora que trouxe conexões entre os trabalhos científicos e poéticos. Durante aquela semana, a exposição expandiu saberes, resistências, pensares e sentires, conhecimentos empíricos, discussões e corporeidades que se produzem enquanto este movimento criativo-reflexivo contínuo, trazendo inquietações que até hoje reverberam e nos movem a seguir.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BULHÕES, Marcelo. **Considerações sobre a adaptação para o audiovisual: ficção noir**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 61, p. 64-69, jul./dez. 2011.

GUIMARÃES, Miriam Brockmann. **Tempos Brancos: rememorando estratégias de composição coreográfica**. 2018. 186f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

LÓSSIO, R.A.R.; PEREIRA, C.M. **A importância da Valorização da Cultura para o Desenvolvimento Local**. III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador- BA: Faculdade de Comunicação/ UFBA.2007.

MASCARELLO, Fernando. **“Film Noir”**. MASCARELLO, Fernando (org.). História do cinema mundial, Campinas: Papirus, 2006, p. 177 – 188.

PALAVRA COREOGRAFADA. A companhia. Disponível em: <http://palavracoreografad.wixsite.com/centrocontemporaneo/a-companhia>.

Acesso em: 10 jun. 2019.

SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: processo de criação artística**. São Paulo: FADESP: Annablume, 2004.

RANCIÈRE, Jacques **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.